

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIV, nº 113, junho/julho - 2022

AS AVENTURAS DO CONSELHEIRO AIRES EM BRASÍLIA

Vera Lúcia de Oliveira

“É por causa de gente como o senhor, sempre disposto a acomodar, que as coisas não avançam, Hugo falou.

O senhor é puramente livresco, disse Miguel, no centro da mesa.

Um homem de papel, completou Hugo.

Isso não posso negar, respondi contrariado.” (Pág. 145).

Quem respondeu contrariado foi o conselheiro Aires, personagem-narrador que migrou do romance *Memorial de Aires* (1908), de Machado de Assis, para o recém-lançado *Homem de papel* (2022), de João Almino, seu oitavo romance. Ambos dispensam apresentação. Machado, o clássico da literatura de todos os tempos; Almino, o clássico moderno, autor do magnífico *Cidade livre* (2010), entre outros excelentes romances e ensaios de história e filosofia política. Ambos imortais da Academia Brasileira de Letras.

Pois foi com o espírito da paráfrase, da literatura fantástica, da graça *cult* que Almino construiu esse romance pós-moderno, homenagem ao “bruxo do Cosme Velho”. Ninguém poderia fazê-lo melhor: diplomata de carreira, mergulhou no personagem aposentado, pacifista (mais por tédio à controvérsia) e bebeu suas palavras, sua moderação e elegância. E, num poderoso exercício de imaginação, trouxe-o para Brasília. Diz ele:

Meu nome, não sei se terão adivinhado, é José da Costa Marcondes Aires. Nasci no Rio de Janeiro às seis da tarde em 17 de outubro de 1825 e acordei em Brasília confundido por siglas. Mesmo sem ser aristocrata, me infiltrei na aristocracia quando passei em 1852 num concurso para a Secretaria de Estado de Negócios Estrangeiros. Depois de hesitar se aceitaria uma encarregatura de negócios junto à Gran Colômbia, onde havia estado um visconde conhecido meu, fui enviado a Viena. (Pág. 31).

Assim se constrói a trama desse romance encantador: uma diplomata “arretada” da nova geração de nome Flor recebe um presente e não se desgruda mais dele, o romance *Memorial de Aires*. Personagem forte, inteligente, franca, mulher quase de meia idade, que sabe o que quer (menos quando tem de escolher o parceiro com quem ficar). O livro que, segundo ela, a acompanharia pelo resto da vida, era um guia para a sua carreira. Casada, mãe de um filho, e com relacionamento extraconjugal com um diplomata superior hierarquicamente, Flor tem vida amorosa complicada. Ela, Cássio, o marido, e o amante Zeus formam o triângulo desamoroso da história.

Almino “entra” no *Memorial de Aires* e utiliza palavras e expressões do livro num diálogo que mantém vivo

o romance, tecendo a narrativa com personagens equivalentes aos da história original. Dentro do livro, na mão ou na pasta de trabalho de Flor, o conselheiro aposentado acompanha-a em passeios em Brasília e em viagens, a exemplo da ida a Viena, onde queria rever o túmulo da mulher e o de Beethoven, cuja ópera *Fidélio* com a abertura “Leonora” tem mais de um sentido na obra.

A narrativa desperta o interesse do leitor cada vez mais pelo elemento fantástico que, curiosamente, se desfaz pelo fato de as próprias personagens tratarem o livro falante com naturalidade (como na *Metamorfose*, de Kafka, em que a família não se espanta em ver Gregor Samsa transformado em inseto). Há também ecos de Borges quando a fantasia e as pistas falsas, como obras e sites inexistentes, deixam o leitor desorientado. Artimanhas do autor.

O conselheiro Aires, uma espécie de guru da diplomacia para Flor, aparece inicialmente como personagem machadiano em *Esau e Jacó*, romance de 1904, para, em seguida, ter um livro só seu, de memórias, o *Memorial de Aires*, de 1908, ano da morte de Machado. Em *Esau e Jacó*, o autor focaliza o fato político da Proclamação da República, em 1889. No *Memorial*, o tempo histórico é 1888, ano da Abolição da Escravatura no Brasil. E, no *Homem de papel*, Almino concentra a ação neste selvagem 2022, ano de eleições, destacando-se a de Presidente da República, e faz um contraponto com as duas obras citadas, no sentido de discutir com espírito crítico a insana situação política do país, no passado como no presente. Replica, portanto, os personagens: os gêmeos briguentos Pedro e Paulo, de *Esau e Jacó*, em Miguel e Hugo (trigêmeos com Flora) igualmente beligerantes e irreconciliáveis, metáfora sutil para o Brasil de hoje. Por sua vez, Flor lembra a indecisa Flora quanto à escolha do parceiro, enquanto Leonor, a professora argentina especialista no conselheiro-personagem, guarda semelhança com Fidélia, a jovem viúva que despertou todos os sentidos (ocultados) do velho conselheiro Aires. Fidélia, Leonor – tema da fidelidade conjugal em Beethoven.

A ideia do autor é muito feliz, pois utiliza um recurso cômico ao fazer o velho conselheiro viajar ao futuro e ao passado, do qual, na verdade, nunca saiu, com sua cultura e linguagem polida, seu colete, fraque, botinas enceradas e bigode retorcido. Todo ele *démodé*. Mas ninguém em Brasília repara... Ele sai e volta ao livro com desenvoltura, como um animalzinho de estimação – e obediente – de Flor, que o guarda com todo o cuidado. Mas as coisas mudam e ele vai parar até num sebo. E em lugares piores. Muito piores. É um personagem falante. Um verdadeiro “audiobook”.

O melhor do livro é esse jogo, uma espécie de “mise en abyme”, um romance dentro do outro, o que é muito engenhoso e divertido. Há também um “trompe-l’œil” literário que brinca com a própria narração, uma vez que os personagens de *Homem de papel* dizem ao conselheiro que ele não tem existência real, que é um personagem de romance, um homem sem carne — de papel —, quando na realidade esses mesmos personagens são igualmente de papel para o leitor. Sem contar a aparição do enigmático editor M. de A. para aumentar o imbróglio.

Os personagens do *Memorial* dialogam entre si, a exemplo de dona Cesárea, velha amiga de língua afiada, que pede ao conselheiro que volte ao passado. Os diálogos se alternam entre passado e presente, num exercício de intertextualidade, o que na narrativa significa futuro, num jogo entre ficção e... ficção.

E o conselheiro, homem conservador, vai se adaptando à nova vida, se soltando muito à vontade, protagonizando mil e uma peripécias, rebelando-se, o que preocupa Flor: “conselheiro, imploro que as situações que o senhor anda criando parem por aí. O senhor sabe o carinho e o respeito que tenho pelo senhor.” (Pág. 117). Algumas delas como fazer pagamentos com moedas do século 19 que ainda trazia no bolso; fugir sem pagar a conta; frequentar as redes sociais com milhões de seguidores; ser guiado por um cego pelas ruas de Brasília; visitar o palácio do Itamaraty (de onde quase foi expulso); lidar com *fake news* e participar de manifestação política na Esplanada dos Ministérios. Esta, particularmente hilariante, tem alguma coisa de *O rinoceronte*, de Ionesco, pelo absurdo da situação. Assim como a sessão na Câmara dos Deputados, cuja comicidade atinge o paroxismo com a discussão acalorada sobre a questão de uma anta ser candidata às próximas eleições. (Num país que quase elegeu um macaco, o Tião, à prefeitura do Rio de Janeiro, tudo é possível.) Almino utiliza com muita graça o jargão de todas as categorias sociais, bem como os mais variados registros linguísticos, como profundo conhecedor da língua portuguesa que é, e não só da língua de Machado de Assis, cujo representante no romance é o conselheiro Aires, homem lido e relido, leitor de Shelley, Dostoiévski, Platão. Sobrevivendo a si mesmo, diz: “Vocês pensam, logo existo”.

Assim, o embaixador João Almino com sua prosa vigorosa mais uma vez declara o seu amor a Brasília de JK, Lúcio Costa e Niemeyer, que, agradecida, o abraça calorosamente; cidade aberta ao novo e ao velho – que nela se encontram, ou se cruzam, como os dois eixos que formam o traçado da cidade. Assim também, o velho diplomata, exumado, se encontra com o novo Brasil, que, dividido, anseia por dias melhores. Que não de vir.

BALLARDIANAS

Enéas Athanázio

Nascido em Shanghai, na China, embora filho de pais ingleses, J. G. Ballard (James Graham — 1930/2009), foi uma figura singular e única na literatura inglesa. Tal foi sua influência que ensejou a expressão “ballardiano”, segundo os críticos “uma categoria essencial ao entendimento do mundo pós-moderno.” Depois dele, outros autores passaram a ser assim tratados, criando-se uma nova corrente ou tendência literária antes desconhecida. Tendo iniciado a carreira de escritor como autor de obras de ficção científica, gênero pouco acreditado, percebeu mais tarde que ele não lhe bastava e atirou-se em voos mais ousados e que causaram perplexidade nos meios literários conservadores, em especial na Grã Bretanha. Nessas obras ousadas e sem similar, ele “realizou um brilhante catálogo experimental das atrocidades patológicas do capitalismo tardio”, segundo o crítico Martin Amis. Produziu obras que foram rotuladas de “romances-catástrofes” nas quais “deturpou as convenções do gênero”, discorreu sobre “as possibilidades eróticas dos acidentes de tráfego e publicou uma série de romances que subvertem elegantemente as nossas noções de comunidade e forma literária”, como afirmou um biógrafo. O consumismo desenfreado, a fixação pela imagem, a ânsia de ter, a correria sem fim do cotidiano, o culto da velocidade, a solidão no meio de multidão, a comunicação superficial, o relacionamento frio entre as pessoas, inclusive entre pais e filhos, e outros tantos aspectos da vida moderna encontram eco em suas obras, ainda que sem preocupação ideológica, mas encarados como fatos do dia a dia das pessoas. Entre seus livros mais conhecidos estão *Crash – Estranhos Prazeres*, *O Mundo de Cristal*, *Mundos em Chamas*, *O Império do Sol e Milagres da Vida*, estes dois autobiográficos, o último publicado pela Cia. das Letras (S. Paulo – 2009). *A plástica facial da princesa Margaret* e *Por que quero ferrar Ronald Reagan* tiveram intensa repercussão e mereceram furiosas investidas. Tranquilo em meio à tempestade, ele afirmava: “Eu vejo meus livros como alertas. Sou o sujeito na beira da estrada que grita: De-vagar!”

Em suas memórias (doloridas), Ballard recorda a infância numa Shanghai de contrastes entre o luxo das mansões dos estrangeiros e a miséria generalizada, tudo mesclado à jogatina, à prostituição, corrupção e atividades incessantes das gangues criminosas. Nas andanças de bicicleta pela cidade presenciou as mais chocantes cenas de violência,

enquanto legiões de miseráveis se arrastavam pelas ruas à cata de comida e implorando por esmolas num frio de congelar. Jamais esqueceu do velhinho que permanecia mendigando nas proximidades de sua casa, de latinha em punho, enquanto a neve o recobria de uma camada que mais parecia um cobertor. Quando indagou à mãe por que ela não lhe dava um prato de sopa quente, ela respondeu que, se o fizesse, no dia seguinte haveria cinquenta naquele local. E depois veio a guerra e a invasão japonesa. A liberdade dos estrangeiros foi sendo cerceada, dia a dia, até que foram recolhidos a um campo de prisioneiros, em Lunghua, onde ele e a família, acostumados a viver numa mansão, tiveram que se amontoar num minúsculo quarto sem divisões, onde viveram durante dois anos e meio. Nesse período viveu as mais estranhas experiências, inclusive presenciando o estrangulamento de um chinês por um soldado japonês, sem qualquer motivo aparente, e com a maior frieza, diante dos olhares indiferentes de outros. Marcado por esse passado de miséria e violência, como cicatrizes provocadas por ferro em brasa, mudou-se para a Inglaterra, país de que era cidadão. Estava certo de que nunca retornaria à China, onde a grande marcha de Mao-Tsé-Tung avançava e não tardaria a dominar o país. Para sua surpresa, encontrou um país arrasado pela guerra, com o povo empobrecido e tristonho, muito diferente daquele mostrado na propaganda oficial de pós-guerra, orgulhoso da vitória e confiante no futuro. Sua impressão foi a de que o império estava no fim, havia acabado e perdido o ânimo de lutar. E foi então que começou a lutar pela vida, tateando para lá e para cá, mas convencido de que queria ser apenas escritor.

Como toda experiência, boa ou má, acaba influenciando na obra do escritor, Ballard obteve invulgar sucesso e seus livros de memórias causaram grande impacto nos leitores. Vários de seus romances foram adaptados para o cinema em filmes de muita aceitação. Mas não foi feliz na vida particular, perdeu a esposa muito cedo e se tornou pai-e-mãe de três filhos, aos quais procurou dar o carinho que nunca mereceu. Para completar, ficou gravemente doente e foi em estado quase terminal que concluiu *Milagres da Vida*.

A leitura das memórias “ballardianas” me leva a um profundo suspiro de agradecimento por ter nascido brasileiro. Graças a Deus, à sorte ou ao acaso nasci neste país, infelizmente tão maltratado e vilipendiado por tantos de seus filhos.

Soneto do Mês

FELICIDADE

Giuseppe Ghiaroni



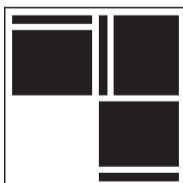
Sim, há felicidade! Eu encontrei-a numa cidade do interior paulista (Araçatuba), e creio que ainda exista como prova cabal a quem não creia!

Vi-a na sala eternamente cheia de um cabaré, mal levantando a vista para a sequiosa multidão farrista que lhe pisava a cauda magra e feia.

Pois era uma cadela preta e branca, ainda um tanto vesga, um tanto manca; uma triste e magríssima cadela!

Chamavam-na, porém, Felicidade! As mulheres perdidas da cidade cuidavam dela e se miravam nela!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

30ª DIRETORIA 2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
2º Vice-Presidente: Sônia Helena
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira
2ª Secretária: Noélia Ribeiro
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo
Diretora de Divulgação: Sandra Maria
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 113 – junho/julho 2022

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

ENCONTRO DE ESCRITORES EM ARINOS

No dia 20 de maio, na cidade de Arinos (MG), realizou-se o Encontro de Escritores em Arinos, evento cultural com palestras de Anderson Braga Horta (lida por Maria José Aguiar), Eugênio Giovenardi (lida por Polyana Fonseca Valadares), Marcos Sílvio Pinheiro e Wilson Pereira. As palestras, com temas relacionados com literatura e assuntos regionais, tiveram

como objetivo levar ao povo da cidade e região mais conhecimento sobre os assuntos abordados. Além dos citados, participaram os escritores Adirson Vasconcelos, Cristóvão Naud, Danilo Gomes, Fabio de Sousa Coutinho, Kátia Luzia Lima Ferreira, Luiz Paulo Pieri, Luiz Valério, Marcelo Perrone Campos, Mauro de Albuquerque Madeira e Napoleão Valadares.

INOCÊNCIA

Raquel Naveira

Deparei-me com um quadro clássico: “A Inocência”, de William Bouguereau (1825-1905), um pintor acadêmico francês, que dominava perfeitamente a forma e a técnica realista. Trata-se de uma moça descalça, recostada numa fonte. O vestido é simples, branco, vaporoso. Um jarro ao chão. Dois anjos, um em cada ombro, parecem dispostos a elevá-la ao céu. Um deles deposita uma flor em seu decote. Talvez seja uma camponesa. A personificação da inocência, essa qualidade de quem é incapaz de praticar o mal. A pureza tem um poder que protege. É uma necessidade de realização plena de uma vida em comunhão com Deus no coração, nas intenções, nos pensamentos. É uma maneira limpa, sem contaminação, de ver as coisas, afinal, “para os puros todas as coisas são puras”.

As crianças possuem essa inocência. São crédulas, imaginativas, acreditam em tudo que contamos, confiam e admiram os adultos. Pressas fáceis da crueldade humana. É necessário manter vivo esse estado de infância em que habitam a criança e o poeta. Mas como lavar as mãos na inocência? Dispensando amigos rudes? Não se lamentando nunca da própria sorte? Controlando a mente? Abstendo-se de tudo que mancha e entorpece os nervos? Inveja quem não conhece motivos de dor e revolta. Queria o conforto da inocência. Bem sei o que sinto e por que sinto. Conheço os finais trágicos das histórias e dos romances.

E por falar em romance, *Inocência*, do Visconde de Taunay, é um livro encantador, charmoso, suave e pitoresco. Um caso de amor contrariado, em meio à luxuriante natureza do sul de Mato Grosso.

Alfredo d’Escagnolle Taunay (1843-1899), primeiro e único Visconde de Taunay, foi um nobre aristocrata, escritor, músico, político, historiador e sociólogo brasileiro. Lutou na Guerra do Paraguai como engenheiro mili-

tar, de 1864 a 1870. Desta experiência surgiram os livros: *A Retirada da Laguna*, episódio épico, vibrante, descrevendo a bravura dos heróis que foram obrigados a bater em retirada, perseguidos por numerosos inimigos e pela peste que os dizimava e *Inocência*, uma joia de estilo natural e romântico. O leitor se sente cativado pela narrativa e se indaga qual seria o fim daquele triângulo amoroso formado pela bela Inocência, de faces mimosas, cílios sedosos e olhos matadores; Cirino, o prático em farmácia que percorria os caminhos medicando as pessoas e Manecão, o noivo violento, bruto, a quem ela era prometida. Tudo se passa numa fazenda próxima ao município de Santana do Paranaíba, nos ermos do cerrado cheirando a araticum.

Inocência era um ser com pouca consciência de si e, ao mesmo tempo, tão cheia de resistência, que preferiu a morte a renunciar ao amor verdadeiro que sentia por Cirino. E a morte desceu sobre os amantes com sangue e vingança.

Meyer, um cientista que caçava insetos para os museus europeus, batizou com o nome de “*Papilio Innocentia*” uma espécie de borboleta, talvez laranja e preta, que tremulava as asas sobre os tufos de hortênsias.

Essa obra-prima regionalista tornou-se o romance brasileiro mais traduzido da época e, mais tarde, foi considerado o precursor da literatura sul-mato-grossense.

Viram? Assim como Taunay, conheço os dramas de guerras e do amor e morte universais. Tenho prática em viagens. Explorei as margens dos rios Taquari e Aquidauana. Escalei morros e mergulhei em cachoeiras. Quem viaja sozinha por essas matas não é mais inocente. O prazer que tive ao observar aquele quadro e ler aquele livro me surpreende e emociona. A inocência tem a marca da originalidade e faz chorar.

ENCONTRO

Napoleão Valadares

Houve por bem o Ser Divino dar a esta terra a oportunidade de com vigor e brilho realizar o encontro de escritores. A saudade

começa desde já e vai ficar em nosso peito para sempre e há de por toda a vida nos fazer lembrar esses momentos de felicidade.

Tivemos, com prazer e alegria, um dia de cultura – um belo dia –, evento que mudou nossos destinos.

Trilhando esses caminhos, transporemos rios, montes... mas não esqueceremos o Encontro de Escritores em Arinos.

20 de maio de 2022

ENQUANTO ISSO

sôniahelenah

Enquanto isso,
entre o azul do céu,
o marulhar das ondas,
o gorgear das aves,
o sussurrar do vento,
o cantar dos poetas,
o som das guitarras,
o aroma das flores,
o pão quentinho,
o azeite e o vinho,
que não podem faltar
à mesa portuguesa,
a ouvir um fado,
embalo minhas saudades.

Tavira, 5/2022

UM HOMEM NO ESCURO *

Hélio Socolik

Parte I: a entrada na casa

A rua está deserta. Apenas a chuva miúda se faz ouvir na noite escura. As casas, grandes e iguais, perfilam-se em toda a extensão da rua nesse bairro de classe alta. O homem vem andando apressado olhando nervosamente para os lados. Aparentemente não há ninguém por perto e isso o encoraja a manter o passo e continuar a sentir as gotas de chuva em seu rosto.

De repente, para. A casa branca da esquina é sua meta. Examina-a com cuidado. O que busca está ali. O portão de ferro é pontiagudo. Mas o muro ao lado é mais baixo. Respira profundamente. Olha para as janelas. É ali mesmo que tem de entrar. Pula agilmente o muro pisando com força a grama do jardim interno.

Toma fôlego. Nessa noite fria até o cão de guarda parece dormir confortavelmente em seu canil. À sua frente está a porta principal. Mas a maçaneta está trancada. Dá a volta pela casa. Procura outra porta ou janela. Parece tudo trancado. Vai andando e Tateando. Olha para os lados e para a rua. Mas ninguém aparece, ninguém o ameaça. Continua procurando um meio de entrar na casa. Na parte de trás, observa o quintal, bem cuidado, bem bonito. Há algumas flores e uma pequena horta.

Mas ele tem um objetivo. Volta-se para o portão. Procura alguma janela por onde possa penetrar. De repente, encontra uma mal fechada. Empurra-a bem devagar. Nenhum ruído. Olha para dentro de um quarto. Parece não ter ninguém. Pula o parapeito. Está escuro, quase não consegue ver. Mas aos poucos vai acostumando-se com a escuridão. Olha para os lados. Há uma estante, uma mesinha e cadeiras. Parece uma pequena biblioteca. Uma mesa um pouco maior com algumas fotos. Mas nada de maior valor material. Para que livros e fotos? Seu objetivo está em outro lugar.

Ele atinge a sala, cheia de móveis, e procura a escada que o conduzirá ao segundo andar da casa. Passa pelo corredor e vê a escada. Nenhum barulho. Dirige-se para ela. Cuidado! Bateu com uma perna em um vaso, que não conseguira ver por causa do escuro. Arregala os olhos, temendo que alguém ouça. Mas nada, nenhuma repercussão. Começa a subir as escadas. Enquanto sobe, ordena seus pensamentos. Para que ele entrou nessa casa?

Ele deseja sequestrar Susana, a filhinha do casal, uma lourinha de cerca de 5 anos que

é a alegria da mansão. Sabe que seus pais não estão em casa, viajaram, e ficou sozinha com a babá. Espera enganar a empregada e levar a menina para sua casa, de onde exigirá um bom resgate para sua libertação. Preparou há tempos essa empreitada. Conseguira saber, através de outros empregados, que o casal iria nesses dias para outra cidade visitar familiares da mulher.

O sequestro seria fácil, segundo ele, e o resgate seria pedido num valor à altura desse casal de novos ricos. O dono da casa era gerente de um banco e a mulher advogada. Com o susto, eles certamente iriam pagar bem para reaver a menina.

E a babá, se resistisse? Ele trazia um revólver para assustá-la e seria fácil dar-lhe uma pancada na cabeça com o pequeno porrete que trazia no bolso.

Parte II: o sequestro

Chega ao topo. Há três portas. Ele deduz que a do meio deve ser o quarto da menina. O homem se aproxima da porta. Esta está apenas encostada. Empurra a porta. Tudo calmo. O quarto é espaçoso e bem arrumado. Vê a cama. A menina deve estar no berço sozinha, pois não vê a babá. Há um enorme guarda-roupa e brinquedos colocados no chão. Vê o corpo da menina. Seus olhos se arregalam e se sente ansioso. Aproxima-se da caminha. A menina está imóvel, como que imersa em profundo sono, facilitado pelo frio da noite.

E a babá, onde estará? Certamente no quarto ao lado. Deve ter preferido ficar mais à vontade em outra cama. O homem está prestes a executar seu plano. Dará certo? Parece que sim. E daqui a poucas horas haverá a maior confusão, com o sumiço da menina. Ele não se sente culpado. Cada um deve lutar por sua sobrevivência, principalmente ele que não teve oportunidade para estudar, não conheceu seu pai, não conseguiu emprego e sempre sofreu por mal ter sobrevivido nessa sociedade egoísta e desigual.

Ele agora está junto ao corpo, que continua imóvel. Já pode tocá-lo. É agora ou nunca! Ele recolhe o corpinho enrolado no cobertor. A menina deve estar sonhando com algum personagem da televisão. Seu peso não é grande. Será fácil levá-la, voltando pelo mesmo caminho que percorreu. Começa a andar. Nem precisou livrar-se da babá.

O homem sai do quarto com a menina no colo e se dirige para a escada. Desce os degraus. Chega ao piso. Atravessa a sala em direção à mesma janela por onde entrara. Aí bate com força na arca que fica perto da janela. Faz barulho. O ruído espalhou-se pela casa. Fica nervoso. E, para piorar, ouve vozes vindo de cima. A babá deve ter acordado assustada. É melhor correr. Rápido! A janela está aberta e ele procura sair segurando a menina. Não é fácil. Mas consegue pular, atinge o solo e atravessa o jardim. Mesmo com o corpo no colo, ultrapassa o muro e sai da casa. Sai quase correndo.

Puxa, a tarefa não foi fácil. Está suando muito. O coração dispara. Mas, afinal, está com a menina em seu poder. Não vê ninguém na rua escura e fria. Acalma-se e segue apressado para a primeira esquina. Daí vai para seu destino, sua casa, não muito longe dali, em uma invasão dentro da mata. Começa a sorrir confiante. Já bem afastado, vai ver a menina, que está ainda imóvel. Tira o cobertor que lhe tampa o rosto. Respira profundamente e olha para ela.

Parte III: o resultado

Num dos quartos da mansão, a babá tinha acordado não com o barulho na sala, mas com a própria menina.

— Babá, babá, acorde! Estou com medo!

— O que foi, Susi? Por que não está dormindo?

— Babá, eu ouvi dois barulhos na sala!

— É por isso que você saiu de seu quarto sozinha?

— Eu tinha ouvido o primeiro barulho e vim aqui ficar com você. Mas agora ouvi outro barulho e estou com medo.

— Está bem, queridinha, fique quietinha e durma comigo. Não foi nada. Acabou o barulho.

— Mas vem comigo primeiro ao meu quarto.

— O que é que você quer lá?

— Eu estava com tanto medo que deixei na cama a minha boneca!

*Menção honrosa em concurso de contos promovido pela Academia de Letras e Música do Brasil (ALMUB, 2020)

POESIA PARA OS MEUS OUVIDOS

Sandra Maria

Quando, em 2017, eu me decidi a publicar meu primeiro livro, um livro de poesias, em um ritual de passagem que exporia meu momento íntimo ao espaço público, minha certeza de que a oralidade dos poemas deveria sempre ser apresentada paralelamente à sua grafia provocou a produção de um disco anexo ao volume impresso.

O disco foi gravado por amadores, parentes e amigos, exceto pelo admirável leitor de poesia, Embaixador Lauro Moreira, grande divulgador da literatura em língua portuguesa. Lauro tem completo domínio da voz, suas técnicas e efeitos. A voz modulada transmitindo sensações e intenções, o senso rítmico dando apoio à comunicação com o leitor e à absorção do ouvinte, a linha melódica enfatizando que poesia é a lírica do som. Lauro canta a poesia ao ler poemas, fazendo da comunicação uma arte de beleza e prazer.

Ao receber o convite da ANE (que sempre aponta para coisas boas) para a palestra-recital de Luiz César Lima Costa sobre Carlos Drummond de Andrade, fiquei honrada, como sempre fico, e muito intrigada sobre a real natureza do evento e o mandei para Thais, minha filha (com quem eu tinha já trocado ideias sobre fazer da minha palestra de novembro na ANE um momento mais dinâmico). Em resposta ao convite para a apresentação de Luiz César, Thais me mandou a seguinte mensagem: “Vai ser bem interessante a palestra! Depois me explica melhor sobre este conceito de palestra-recital.”

Quando disse para sôniahelenia que iria ao evento, ela me mandou uma mensagem muito evasiva: “Gosto muito de como o Luiz César apresenta as palestras dele”. Ao chegar à sede da ANE, vindo diretamente de Goiânia, comentei com Rosângela, secretária da entidade, algo sobre a leitura de poemas na palestra-recital e ela me disse: “Ele declama mais do que fala”. Achei muito interessante a espontânea diferença entre os patamares nos quais ela coloca a poesia declamada e a prosa falada.

Despreparada pela declaração crítica na observação da sôniahelenia e pela falta de spoiler na da Rosângela, e na expectativa da palestra-recital, como na da chegada do meu marido, que, vindo da fazenda, esbarrara em duas pedras no caminho: a primeira, um pneu furado na estrada de terra e a segundo no sen-

tido inverso do fluxo na Via Estrutural na hora da entrada e estava, portanto, atrasado. (O que, na verdade, não é nenhuma novidade, considerando sua natureza calma e otimista que faz do tempo seu íntimo amigo e dos ponteiros do relógio seus colaboradores mais fiéis, embora ele goste muito de Drummond, ou melhor da ironia do poeta, que tem alguns pontos comuns com o bom humor dele.)

Enfim, acreditando que o som da poesia tem efeitos fatais, fui preparada somente para me deleitar, para ser tocada e me emocionar. Só não estava, definitivamente, preparada para me divertir tanto com a performance de Luiz César. Mesmo conhecendo a manha mineira de Drummond. Afinal, sou mineira e de mineirices mansas e insuspeitas eu entendo, como aquelas que chegam devagar como a água de um riacho escorrendo fora do curso e, disfarçadamente, o surpreendem e o deixam sem fôlego com a força do fluxo, enquanto acariciam prazerosamente a sua pele, ou como aquela de uma cobra dissimulada que chega deslizando sem fazer nadinha de ruído e, roçando de leve, o pica de súbito e, aí, ah! você está perdido. Vira vício. Tanto o afogar-se em emoções como o envenenar-se em sensações. Drummond, mágico e provocador, que finge sorrir enquanto o espeta, finge estar sério enquanto lhe faz cócegas, finge estar só proseando enquanto faz poesia...

Refletindo na parede de fundo a imagem da pedra de Drummond, que não é barreira para o apresentador, pois ele a rola para lá e para cá, sem nunca tropeçar nela, mas fazendo dela o elo mais conhecido do poeta, Luiz César se apodera da cena, do espaço, da plateia, se afina com Drummond, e canta com o poeta no mesmo tom.

A postura com jeito de humildade, o controle no movimento das mãos, o olhar matreiro por cima dos óculos, o riso curto que antecede a tirada cômica (tanto dele quanto do poeta), as pausas bem significativas, a voz se adaptando ao significado, e o ritmo da fala entre normal ou bem rapidinho, criando o próprio compasso para se encaixar com as batidas do forte fraco dos acentos das palavras no contexto. E o timing de Luiz César? Perfeito!

Luiz César sabe que a poesia como uma forma de arte é anterior à escrita, que lírico é música, é melodia e é ritmo. Tudo em harmonia.

CANTO

Mardson Soares

I

Os mitos são a Pérsia
e a China

Desvelam

a Serra da Capivara

Eles são rio

e correm

o percurso no tempo

A Gália absorve

o excesso das águas

E tu

sobre as serras

meditas as ocasiões

À Índia

um mundo

muito particular

II

Observa os mitos

estrangeiros

mas põe a tua

aura

no Olimpo

do teu jardim

A tua aldeia

é o tempo

e a foz

do Olimpo

A INVASÃO DA FEUB, EM 1968, SALVOU A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Wílon Wander Lopes

Falando sobre a Universidade de Brasília, que completou 60 anos no dia 21 de abril, o *Correio Braziliense* publicou dois artigos. Um deles escrito pela Reitora, Dra. Márcia Abrahão, com o título “A UnB segue atuante e necessária”; o outro, com o título “O que restou do sonho da universidade da nova capital”, da lavra dos professores Remi Castioni e Gilberto Lacerda, ambos da UnB.

Tais artigos mexeram com muita gente que passou pela UnB – inclusive comigo, que fui diretor e presidente interino da FEUB – Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília. Instado pelos ditos artigos, resolvi falar sobre algumas coisas que fizeram com que aquela escola não fosse extinta logo depois da trágica invasão que sofreu em 29 de agosto de 1968, como queriam os mandões da época – à frente o ministro Gama e Silva, da Justiça – os quais viam a UnB como “foco de subversão” em plena capital federal.

Vamos aos fatos. Manhã do dia 29 de agosto de 1968. Universidade de Brasília, curso de Direito. De repente, assistindo a uma aula, ouvi gritos: “A polícia invadiu a Universidade” e “Prenderam o Honestino”. Saí da sala e, fora do prédio, vi grupos de policiais armados, gritando ameaças. Entre os problemas causados pela desastrosa invasão, uma viatura da polícia tinha sido virada, um estudante levou um tiro na cabeça e deputados tinham sido espancados. A quadra de esportes estava cheia de estudantes presos. Dali, a polícia os levaria para o Setor Militar Urbano, onde diziam acontecer violências de toda a ordem, inclusive torturas...

Precavido, resolvi sair do território invadido. No dia seguinte, voltei à UnB, a fim de saber como tinha ficado a FEUB e a própria UnB, depois da tão violenta intervenção militar. Assustado, entre outras más notícias, tomei conhecimento de que, entre presos e desaparecidos, eu era o único diretor da FEUB no *campus*. O que fazer? Andando pelas diversas faculdades, só ouvia que a FEUB tinha que fazer alguma coisa, já que a notícia corrente por toda Brasília é a de que a universidade, por ser “foco de subversão”, ia ser fechada.

De fato, como entidade representativa dos estudantes, era preciso saber o que seus representados esperavam que a FEUB fizesse naquele momento. Fazer movimentos contra a ditadura militar? Continuar campanhas contra os Estados Unidos, vistos como suporte da ditadura, o tal “Fora, ianques”? Confesso que gostei quando ouvi uma unânime resposta, até porque eu concordava completamente com ela: “Queremos continuar nossos estudos e nos formar – e aqui, na nossa Universidade de Brasília!”

Como único dirigente da FEUB na ativa, resolvi, então, fazer três coisas: 1 – dirigir a FEUB até que o então presidente, Honestino, fosse solto e voltasse à FEUB. 2 – Pedir ajuda de senadores e deputados, a fim de conseguir a liberdade dos estudantes presos, também cuidando, junto ao advogado de Honestino, José Luiz Clerot, em cujo escritório eu estagiava, das providências junto à Justiça: E, especialmente, 3 – orientar os estudantes para, junto às suas famílias, amigos e vizinhos, divulgar o perigo que a universidade corria de ser fechada pelo regime militar,

conforme relatos da imprensa na época, preocupação que tomava também os professores e funcionários da incipiente e já tão sofrida UnB. Foi muito difícil a aprovação da implantação de uma escola de nível superior na nova capital, tida pelos governantes como ambiente propício para atividades subversivas, especialmente depois da ditadura militar de 1964

Como a universidade era o futuro de muitos jovens cujos pais tinham sido transferidos para Brasília, a divulgação de que a UnB corria risco de fechar encontrou forte e positivo eco tanto na capital federal quanto nas cidades satélites, especialmente entre as famílias que tinham filhos na universidade. E entre os interessados em manter a UnB aberta e funcionando, estavam muitos filhos de ministros, altas autoridades – e mesmo dos militares. Ou seja, muita gente forte, mesmo do governo, era contra o fechamento da universidade...

A divulgação do risco extrapolou Brasília, os estudantes e suas famílias, que tinham vindo de todos os recantos do Brasil, onde a péssima notícia chegou. A partir daí, também aconteceu grande reação dos brasilienses, a favor de um de seus mais importantes valores: a escola pública, gratuita, de nível superior – a única de Brasília. Nascia ali o sentido de pertencimento. Afinal, a Universidade de Brasília era coisa nossa.

A defesa da UnB passou a ser um assunto de todas as rodas e um simpático ponto de união de estudantes de todo o Brasil, com críticas aos governantes. Esta repercussão negativa foi fundamental para que os tentáculos da ditadura, que agiam nos altos escalões do governo federal contra a UnB, recuassem, como mostrou o escritor Zuenir Ventura em seu festejado livro *1968 – o ano que não terminou*.

No contexto então vivido, na tão internacionalmente badalada nova capital do Brasil, também foi péssima a repercussão, pelo mundo inteiro, da invasão da universidade – o que alcançou reprovação internacional. E muito importante: se os Estados Unidos estavam mesmo dando suporte ao regime militar, a invasão de uma universidade, seguida de sua extinção, não encontrava guarida na cultura estadunidense.

Tanta repercussão negativa dividiu, pelo que se soube depois, até mesmo a cúpula do regime militar. Foi um perigoso tiro no pé. Uma mancada da já globalmente antipática ditadura militar, que tirou do cargo um presidente legitimamente eleito, sendo, por isso, mal comentada em todo o mundo.

Ou seja, como diz o título, “A invasão da FEUB, em 1968, salvou a UnB!” A partir daí, com Brasília transformada em quartel general do regime militar, também não se falou mais em retorno da capital federal para o Rio de Janeiro, como aconteceu logo após a saída de Juscelino Kubitschek do governo e também logo após a renúncia de Jânio Quadros. As obras continuaram, consolidando, de vez, nossa Brasília.

É que, com a bem sucedida reação dos moradores da nova capital federal contra o lamentável e desastroso episódio da invasão da nossa universidade, também nascia – e vigorosa – a Cidadania de Brasília.

A GRANDE ESCOLA DO PROFESSOR CRISTOVAM BUARQUE

Edmílson Caminha

Uma senhora caminha pelo centro do Recife com o neto de dez anos. É analfabeta: precisa da criança para ler as placas das ruas e saber o destino dos ônibus, embora dissesse que um espírito a orientava. Personagens que parecem de ficção, mas existem: a mulher se chamava Ana, e o menino, Cristovam Buarque, futuramente uma das maiores autoridades do mundo em educação. Poderia chamá-lo de engenheiro, economista, reitor, governador, senador, ministro, escritor, mas prefiro tratá-lo por Professor, que não há título de honra maior para quem sempre lutou pela dignidade humana, pela partilha do saber, pela democratização do conhecimento. Em uma sociedade como a brasileira, desigual e injusta, Cristovam nos dá, ele mesmo, o edificante exemplo de que um dos sinônimos de milagre é escola, em que educação de boa qualidade não seja privilégio de poucos, mas direito de todos. No intervalo de apenas duas gerações, o analfabetismo da avó deu lugar ao doutoramento do neto pela Sorbonne, uma das mais importantes universidades da Europa. Experiência que divide com o leitor em *O mundo é uma escola: o que aprendi em viagens* (Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2021), coletânea de ideias e reflexões que trouxe na bagagem das dezenas de países em que estive – não como turista, mas como homem público, como conferencista, como consultor de organizações internacionais.

Verdadeiro cidadão do mundo, viajou pelos cinco continentes a defender projetos como a permuta da dívida externa dos países pobres por programas como a Bolsa-Escola, que, não se tivesse descaracterizado por manipulações políticas e interesses governamentais, teria promovido mudanças profundas na condição social do povo brasileiro. Cardeais da Igreja se opuseram moralmente à proposta, por considerar indefensável a cobrança da dívida externa dos países pobres – trocá-la seria, de certa forma, reconhecê-la, legitimá-la:

Naqueles debates, em corredores e escritórios do Vaticano, às vezes assustado sabendo que na sala ao lado estava o Papa João Paulo II, aprendi que nem sempre a justiça se identifica com a moral, ainda menos com a legalidade. Paradoxalmente, valores morais podem impedir que a justiça seja feita porque a injustiça tem pressa de ser desfeita, mas a lei não se apressa em ser reescrita.

Diferentemente de tantos acadêmicos, doutores em escrever o já escrito, mestres em dizer o já dito, Cristovam pensa com lucidez e honestidade intelectual, ao discordar, por exemplo, de que não se deve perder tempo com adultos que não sabem ler nem escrever – é só alfabetizar as crianças, e esperar que a biologia dê cabo dos velhos... Corajosamente denuncia, também, o vergonhoso papel de presbíteros e de religiosos em favor da escravidão e do preconceito racial: a ideia e a instituição do *apartheid*, na África do Sul, foram obra de pastores de igrejas evangélicas holandesas. Quanto aos colonizadores, não deixa por menos: fosse pouca a expropriação de riquezas, são cruéis para com os países a cuja independência respondem com ódio. Na primeira vez que foi a Moçambique, hospedou-se no décimo andar de um hotel sem elevadores: vencidos na guerra de libertação, os portugueses queimaram plantas de prédios e destruíram os manuais de instrução dos equipamentos, para que não se esquecesse o povo de que custaria caro ver-se livre da metrópole. É o que nos dão a conhecer dois romances primorosos que chegam a assustar: *Coração das trevas* (1902), de Joseph Conrad, sobre o sofrimento imposto aos congolezes pela Bélgica, e *Dias na Birmânia* (1934), em que George Orwell mostra a humilhante experiência do país asiático, hoje Myanmar, sob o jugo da Inglaterra.

Ao conhecer, em plena Síria, o que se preservou de uma cidade romana, com esculturas pouco depois barbaramente demolidas por guerrilheiros do Estado Islâmico, o autor de *O mundo é uma escola* questiona o *status* que devem ter riquezas como a Amazônia brasileira:

A destruição de Palmira não foi suficiente para provocar uma tomada de consciência mundial sobre a necessidade de proteger os bens culturais, nem para diferenciar conceitos de patrimônio da humanidade e de propriedade nacional. Os grandes monumentos, do homem ou da natureza, podem ser considerados de domínios nacionais, ao mesmo tempo que devem se tornar patrimônios de toda a humanidade, e como tal devem ser tratados. Palmira pertence à Síria, como a Amazônia ao Brasil, mas são exemplos da proprieda-

de nacional que deve estar subordinada à autoridade internacional, patrimônio de toda a humanidade.

Em suas andanças, Cristovam constata que a miséria ignora latitudes e longitudes, como arco de degradação humana que se alonga de um lado ao outro do mundo. No Egito, encontra pessoas que moram em jazigos abandonados, onde vida e morte se estreitam em macabra convivência:

Naquela tarde, em um cemitério de mil anos, dentro de uma casa-túmulo, tomando chá com seu morador vivo, ao lado dos mortos de quem não sabíamos os nomes, vi passar lembranças das causas pelas quais lutei e vivi. (...) Devo ao Cairo a oportunidade de entrar em um túmulo e sair dele com vida, vendo como a vida passou e me perguntando se deixarei alguma pegada que sirva para as próximas gerações.

Para o nosso ex-ministro da Educação, ser pobre não é estágio obrigatório no processo econômico que vai do subdesenvolvimento à prosperidade, do atraso à riqueza, mas fruto de políticas equivocadas, como, observa, as dos governos do Brasil entre 1992 e 2018. “A indústria aumenta a riqueza, mas não quebra o círculo da pobreza”. É o que chama de “progresso severino”, alusão ao seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, estilo de desenvolvimento em que uns poucos ganham dinheiro à custa da miséria de milhões. “A educação seria a tesoura para cortar o cordão umbilical do tempo histórico”, imagem com que justifica todos os esforços por um país que venha a ser “equicelente”, alicerçado na educação com excelência e equidade. “O berço da pobreza está na pobreza do berço: a escola”, declara, o que não significa devamos esperar décadas para que o ensino de qualidade anule a pobreza: temos de combatê-la em outras frentes de luta, como expõe no livro *A segunda abolição: um manifesto-proposta para a erradicação da pobreza no Brasil* (1999). Criador de bons neologismos, crê que devemos “despobriar” o Brasil, “com o significado de sair da pobreza sem necessariamente levar à riqueza”. Tarefa difícil, a julgar, conta, pela empregada doméstica que, ao ler o título do livro em que apresenta o programa para erradicar a pobre-

za, pergunta à patroa: “Por que ele quer acabar com os pobres?”

Cristovam lembra o que certa vez ouviu de um soberano árabe: “Nós, do Bahrein, temos duas sortes: a primeira é termos petróleo, a outra é não termos demais. Continuamos precisando trabalhar”. A Noruega, com os milhões de barris diariamente extraídos do Mar do Norte, desenvolveu uma “vacina” contra a euforia pelo gigantismo das riquezas naturais: a educação. Quando se anunciou a existência de jazidas de petróleo em águas territoriais brasileiras, a milhares de metros de profundidade, nossa reação foi bem outra:

Ao descobrir o pré-sal, o Brasil fez o oposto da vacina. Não percebeu que um país do tamanho do Brasil não pode ser salvo por petróleo, e realizou o maior esquema de corrupção no comportamento dos políticos no Brasil, na Petrobras. Ao contrário do rei Isa al-Khalifa, que comemorava ter petróleo, mas não muito, nós tomamos o pouco que descobrimos como se fosse muito e nos submetemos à ilusão e à maldição que faz a pobreza ser filha da riqueza.

Quando cita governantes a cujas equipes pertenceu, o professor o faz com discrição, como ao recordar o dia em que, então ministro da Educação a caminho de Nova Delhi, para juntar-se à comitiva do governo brasileiro, é deselegantemente demitido por telefone pelo presidente Lula, que lhe diz querer um ministro mais orientado para o ensino superior. Cristovam resgata o tiroteio de que se salvou nas ruas do Recife, com o golpe militar que instituiu a ditadura, e escreve:

Passados quarenta anos daquele primeiro de abril de 1964, um tiro telefônico destruía meus dois maiores projetos como ministro: a erradicação do analfabetismo entre adultos, no prazo de quatro a seis anos, com o projeto “Brasil Alfabetizado”, e a federalização da educação de base, por

meio da implantação do programa “Escola Ideal”, uma estratégia para universalizar a educação de base e nivelar a qualidade escolar em 20 a 30 anos.

O sentimento que teve foi de “frustralívio”: frustração por não debelar o analfabetismo no Brasil e alívio “por não ser mais ministro de um governo sem vigor transformador para dar início a uma nova revolução”. O desapontamento se repetiria, quando Lula não o apoiou como candidato a diretor-geral da Unesco, onde certamente brilharia pelo excelente trabalho em favor da educação, da ciência e da cultura em todo o mundo. O órgão da ONU teria à frente um homem que o educador venezuelano Reinaldo Figueiredo classificou de Dom Quixote com corpo de Sancho: “Fiquei triste pelo corpo e contente com a imagem do cavaleiro. Em um mundo que parece um imenso hospício, melhor assumir-se Quixote do que aparentar Napoleão”.

A inspirá-lo, o exemplo de países que transformam em realidade o que aos brasileiros parece impossível. Como a Finlândia, terra da jovem com quem o adolescente Cristovam se correspondia para aperfeiçoar o inglês. A renda *per capita* dos finlandeses era então das menores da Europa, e a economia nacional resumia-se à exportação de madeira, índices que se perderam em um passado distante:

Quarenta anos depois, recebi um convite do Branco Mundial para participar de um seminário em Helsinque sobre trabalho infantil, e falar sobre Bolsa-Escola e *educacionismo*. A Finlândia que visitei tinha uma renda *per capita* quase seis vezes a do Brasil. Era um centro de geração de alta tecnologia, com sua renda muito bem distribuída, e um dos melhores IDH entre todos os países do mundo. Senti a qualidade social da Finlândia ao ficar hospedado em um excelente hotel que funcionava em edifício onde antes

era uma prisão, desativada graças à redução da violência em suas ruas.

A par desses ricos testemunhos, Cristovam é um bom contador de histórias. Como a que viveu no Sri Lanka, onde Arthur C. Clarke, o célebre autor de ficção científica que lia desde a adolescência, desapontou quem dele esperava maior conhecimento geográfico: “Então, Senador, o senhor é brasileiro! Como está Buenos Aires?” O visitante, elegantemente, respondeu que fazia tempo que não ia lá. “Ele deu uma gargalhada. Apontando para mim, olhou ao redor e disse: ‘Eles detestam quando confundimos Buenos Aires com a capital do Brasil...’” Em um restaurante de São Paulo, janta com o bilionário George Soros, que um dia lhe confessara a disposição de trocar seus bilhões de dólares pelo privilégio de escrever um livro de filosofia... Na hora da conta, conclui que pode fazer a gentileza de assumi-la, sem ver a pequena fortuna cobrada pelo vinho. “Mr. Soros, melhor o senhor pagar...”, sugere ao megainvestidor e filósofo frustrado.

Personagem de Eça de Queiroz, escreveu Fradique Mendes, em 1888: “Um artista pode moldar o barro inerte e fazer dele, à vontade, uma vasilha ou um deus. Não desejo ser irrespeitoso, mas tenho a impressão de que o Brasil se decidiu pela vasilha”. Sentença que me traz à memória a *Escolinha do Professor Raimundo*, com Chico Anysio a defender o professor (“e o salário, ó...”) em um programa recheado de preconceitos – contra o homossexual, o índio, o alcoólico, o judeu... Essa, tudo leva a crer, a “vasilha” em que temos transformado a nossa educação: um ensino desigual, injusto, discriminatório, com docentes aviltantemente pagos e alunos com o saber ao rés do chão. Na outra ponta, colégios em que o estudo seja, principalmente, o caminho que leva à dignidade humana, à justiça social e à cidadania plena. A *Escolinha do Professor Raimundo* e a *Grande Escola do Professor Cristovam*. Oxalá, um dia, os brasileiros optem pela segunda.

PETIÇÃO

Austregésilo de Athayde

Olhos, que me inspirais o caminho da vida,
caminho de fulgor, cujo termo é o Bem...
Olhos bons! arrancai da minha alma descrida
as farpas deste Amor, que meus passos detêm!

Será pleno o escuror do meu viver, perdida
a Esperança falaz de prosseguir além
sob o pálio de luz desta estrela querida...
E quem me há de amparar nestas trevas? Ninguém.

Olhos, não me deixeis, eu vos peço chorando,
mareante, sem fanal, em meio da procela,
sem estrela no céu, pelas ondas, vagando.

Repousai sobre mim, irradiação singela,
meu espírito de Eleito Eterno preparando
para as bodas ideais de um Homem com uma Estrela...

O INFERNO DE KAFKA

Ronaldo Costa Fernandes

O inferno dos romances de Kafka é um inferno circular. O personagem K. de repente cai numa aldeia à qual não foi chamado (*O castelo*) ou recebe uma intimação para responder a um processo de um crime do qual não sabe de que é acusado (*O processo*). Quando se inicia a ação, no segundo caso, o personagem vive sua rotina do escritório de seguros e é envolto numa trama diabólica, em que não consegue escapar, circunscrito a idas a tabeliões e salas esquisitas de júri e às visitas constantes a advogados estranhos e idiossincráticos. Em *Metamorfose*, logo quando se inicia a novela, o personagem se torna uma barata. O personagem passa a viver naquele mundo que é o seu, mas transformado. O mundo transformado, porém, é o mundo em que vivemos. É como se o personagem acordasse para uma supra realidade que é a realidade em si. Não há saída do círculo, senão a morte. A ideia de um mundo circular leva a consequências narrativas: o personagem roda em torno de uma só solução para o seu caso: em *O processo*, livrar-se da acusação; em *O castelo*, encontrar-se com Klamm e resolver sua situação inicial de agrimensor.

Os dois Ks dos dois romances ficam num jogo de bobinho de futebol. Ele corre de um lado para o outro a fim de que a burocracia resolva seu problema que num é empregar-se como agrimensor e noutra livrar-se de um processo penal. Todos os empurram para outro ator que lança para outro a responsabilidade (*O processo*) ou o enreda mais na trama, ou ainda tentam explicar como as coisas funcionam na aldeia ou nos cartórios e os Ks não entendem, se confundem, aprofundam sua discordância, estranham ou se acostumam às estranhezas, não percebem as minudências, se afastam cada vez mais dos seus objetivos que se tornam objetos inalcançáveis. Toda a luta dos Ks dos dois romances é estabelecer a unidade perdida antes que chegasse na aldeia ou que se findasse o processo que o consome.

O narrador de Kafka é curioso; ele repassa aos personagens as dúvidas sobre as atitudes e descrições de outros personagens. Num momento da literatura do século XX, em que o narrador estava sob suspeição, o narrador kafkiano dos romances também deixará de ser onisciente a fim de que participe da questão do instituto da verdade única. Os personagens assim assumem a direção da narrativa como no caso de Amália que descreve a aparência física de Klamm em *O castelo*. A intenção é dar a K. a imagem física do homem que ele busca para resolver vários problemas, entre eles, o consentimento para casar-se com Frieda, ex-amante de Klamm. Nesse trecho, o personagem pratica o que é o recurso mais usado para apresentação do estado emocional ou psicológico dos atores envolvidos na trama. A dialética kafkiana não permite que se estabeleça, como em outros romances da mesma época, uma dúvida ou sobreposição de informações que façam o leitor desnortear-se com o acúmulo de descrições contraditórias e o levem não a desconfiar do narrador mas a ter uma visão plural do personagem descrito. Vamos pegar até mesmo um autor do século XIX, como Dostoiévski, que além de o narrador ir mostrando as contradições do personagem, outros personagens mostram pontos de vista divergentes sobre a figura em questão. O autor russo vai mais além: o próprio personagem se contradiz, reafirma-se, desdiz-se, numa confissão desenfreada. Em Kafka, contudo, ocorre a formação física e psíquica a partir das visões das outras personagens sobre determinado personagem. Ou ainda a visão mutante que o personagem sofre diante da visão dos outros, da comunidade, da lei ou da burocracia.

Se os dois romances muito se assemelham, se afastam no que toca à fuga do lugar indesejado. Em *O processo*, K. deseja escapar do cerco jurídico, da ameaça à sua liberdade e do cerceamento dos seus passos como cidadão. Em *O castelo*, K. deseja ardentemente ingressar como membro da comunidade, seja por meio do acesso a Klamm, seja por intermédio das mulheres. A profissão se oferece neste último como uma forma de ingressar na comunidade, fazer parte de um coletivo e não ser visto como um estranho (não se pode

fugir da análise dos livros sem pensar em sua condição de judeu de Kafka, infelizmente). No primeiro, a condição de réu o afasta do mundo comunitário; no segundo, participar da vida da aldeia é fundamental para que ele se sinta em casa. Desta maneira, aceita a condição de servente da escola e renuncia ao serviço de agrimensor a fim de que possa ingressar no coletivo mesmo em posição inferior e em atividade servil.

Gunter Anders anota que nos textos dos seus romances o herói não segue adiante na ação, não há um conceito de “desenvolvimento”. O romance parece iniciar-se com um estampido, que daria lugar a uma especulação dos atos do personagem. “Pois a única ação verdadeira de seus heróis consiste em pensar e repensar as mil possibilidades que, como um feixe de luz, irradiam daquele ponto dos acontecimentos” (p. 39, *Kafka: pró e contra*, ed. Perspectiva).

As relações amorosas são gratuitas e espontâneas, ao mesmo tempo que não existe nexos com as convenções sociais. Em *O castelo*, Frieda é uma balconista numa taverna e amante do misterioso Klamm, logo K. a arrebatava e ambos vivem uma relação conjugal, moram juntos e mantêm relações amorosas e sexuais livremente. Do mesmo modo, em *O processo*, a gratuidade e fogosidade se oferece à empregada do advogado que K. frequenta, embora aqui não exista uma relação contínua e sugere-se sua promiscuidade, em nome da pena que a moça sente em relação aos que buscam o patrão e sentem o peso da obscura lei. Não apenas não há realismo enquadrado pela vigência da moral da época – o absurdo poderia manter um comportamento sexual reprimido – mas também o que nos dá curiosidade é a facilidade com que Kafka organiza a trama escusando-se de criar qualquer enlevo inicial ou provocar cenas que antecedessem, por exemplo, o exaltado amor de Frieda por K.

Menos que a desromantização o que impressiona é a gratuidade. Este elemento vai se tornar fulcral na prosa kafkiana romanesca, pois é ele que permite os encontros e fornece um conflito que antes não existia. De repente, Olga, irmã de Barbanás, que trabalha para Klamm, está apaixonada por ele, apesar de o ter visto apenas uma vez. Criou-se aí um impasse surgido da gratuidade. Ela permite que K. avance ou recue conforme o humor dos personagens. Se a dona na pensão que ver K. longe do universo da comunidade, assim como os burocratas da aldeia que o rebaixaram, Olga e Frieda, gratuitamente, o acolhem no grupo. Observa-se a necessidade de ingressar num mundo ordenado como a aldeia de *O castelo* como uma forma de ser aceito pelo pai e pertencer ao mundo não-judeu. Mesmo que o pai seja despótico e o julgue constantemente (*O processo*), e mesmo que a aldeia seja um espaço onde reina a hierarquia e as relações de poder sejam dominantes.

Kafka nos dois romances trabalha com dois elementos fundacionais: a ausência de vida privada e a obsessão. Os dois estão interligados na medida em que os Ks partem para atuar nos espaços públicos e privados dos outros. Não lhes cabe mais recolhimento e privacidade ou intimidade, os atos ocorrem sob os olhares curiosos dos outros como a dizer que na modernidade estamos mais que vigiados, que o homem se tornou público. Em *O processo*, o herói percorre os labirintos da justiça ou a casa do advogado; em *O castelo*, a aldeia toda parece curiosa e participa da vida íntima do casal K. e Frieda. Os dois pares de policiais num romance e os dois assistentes em outro, mostram a vigilância que não permite a intimidade. No mundo kafkiano, todos têm uma opinião sobre o herói e ninguém pode esconder nada de alguém porque participam da sociedade pública que pode julgar o indivíduo e não o deixar viver em privado. Ao mesmo tempo, a obsessão ocorre nesse espaço desprovido de vida reservada. São dois os tipos de obsessão – haverá mais, mas aqui ficamos com apenas dois –, a obsessão ativa e a passiva. A primeira está em *O processo*, em que a ação de processar torna o personagem vítima de uma burocracia; e a segunda, em *O castelo*, quando o personagem busca obsessivamente chegar a escalões superiores.

MASSA DE AR DE ALTA PRESSÃO

Marcos Freitas

plumagens de frio roçam a pele
desprotegida de sonhos:
aragens frescas polares

na relva cristalizada
tremem destroços de pensamentos

sucumbo ao desencontro de nuvens
botas acolchoadas

aquecem os pés
no caminho porteira a fora,
mundo a fora

cá dentro, enrijeço ossos e medula
alinho metas
desalinho sons do céu:
yakecan

entre o frio e a dor
estendo ao túbio sol
todo amor

FINDA ETERNIDADE

Ildefonso de Sambaíba

da constelação onde mora
sem supor o que aconteça
as outras a empurram
de ponta-cabeça...

(eu pensando à janela)

já madruga e aquela estrela
se despedaça – a sucumbir
será que cai ou vai subir?

(em prantos lá vem ela)

– é o fim da eternidade!
em cacos, talvez aos gritos;
entrementes, vira chuva de

meteoritos.

GARANTIA

Basilina Pereira

Na verdade, o que temos é este momento,

banhado de agora, esquecido de ontem.

Amanhã?... Amanhã seremos outros,

já saciados de tanta espera

e perdidos nesse deserto que se chama talvez.

MÃE

José Jeronymo Rivera

Quando, em meio à tristeza desta vida,
Eu me vejo sozinho e abandonado,
Sentindo o coração pulsar, cansado,
– Mortas as ilusões, e a fé perdida;

Quando, ansioso, procuro no passado,
No Ideal que sonhei – visão sentida,
Um consolo à minha alma dolorida
– Um pouco de carinho ao desgraçado,

Vejo um vulto celeste e silencioso
Chegar-se a mim, beijar-me a fronte exangue,
Banhando-me de luz e suavidade...

És tu, ó mãe querida, o anjo bondoso
Que me secas as lágrimas de sangue
A brotarem da fronte da saudade...

ESTELAR, A POESIA DE ROSA NUMINOSA

Luiz Otávio Oliani

“palavra nenhuma
suporta
a dor da solidão”
(Diego Mendes Sousa)

De gestas, andilhas, albas e salmos vive a poesia de Diego Mendes Sousa no festejado livro *Rosa numinosa*, Teresina, Piauí, Edição do Autor, 2022, com quatro seções distintas.

Tanto nas orelhas da obra escritas por Roberto Nogueira Ferreira e por Ronaldo Costa Fernandes quanto por Clauder Arcanjo no prefácio e por Noélia Ribeiro na apresentação são unânimes em valorizar a grandeza da obra em voga.

A primeira tem as gestas, que são as crias, as façanhas do eu poético a desbravar o mundo pela palavra, esse artefato tão bem desenhado linguisticamente pelo autor.

Em *Gesta do tempo*, p.16, “Lembro como / se fora hoje / o tempo de ontem / e de agora, / essa memória ilhada, / despendada de um / passado bom”, quando se nota a efemeridade diante da fixação dos instantes memoráveis.

Metafórica, como deve ser a boa poesia, “A vertigem / do tempo / é uma / sombra / paralítica / a rir dos frágeis / gestos, / da testemunha, / irrevelada” em *Gesta do pantempo*.

A ausência de pessoa fundamental na vida traz ao eu lírico o “Bálsamo amargo / pé-rapado é o Amor, / sem você”, em *Gesta do amor*, p. 21.

Já em *Gesta da vivência*, p. 26, o verso de abertura impacta o leitor, pois, “Viver é tão precário...”. Tal verso faz vir à mente João Guimarães Rosa, que assegurou ser perigoso viver...

E é diante dos entraves que “Precisas dominar / os espasmos / do tempo, / dormi-lo ainda mais. // (...) / a morte não findará o rastilho da vida”, p. 29 e 31, em *Gesta do tédio*.

Diego Mendes Sousa não ignora o social. É um militante das causas indígenas e das questões ambientais. Por isso, louvável o poema amazônico *Gesta do onírico rio das muitas almas*, p. 33, texto dedicado a ninguém menos que o autor de *Galvez – Imperador do Acre* (1976),

um ícone da literatura de Manaus: Márcio Souza.

O poema amazônico tem na estrutura, paralelismos que reforçam a beleza da área local, com enfoque na natureza, nas lendas regionais e outros, em que se lê acerca “da cobra grande e misteriosa”, “espíritos secretos da floresta”, “cabalas indígenas” e do amor que aparece em *Altair*, musa do poeta.

Já o longo *Gesta da coroa de louros ou de espinhos*, p. 38, é obra pujante dedicada à figura paterna. Trata-se de um olhar consciente do eu lírico ao descobrir que “Meu pai / não / deixou / nada / que / perdurasse / a sua / memória”. E que, apesar de todos os entreveros, o pai ficou aterrado ao filho, com a coroa de louros ou de espinhos.

A segunda parte da obra é “Andilhas surradas”, com poemas que se voltam ao social e ao momento em que a Covid-19 surgiu. Não que não haja outros poemas sociais no livro, eles existem, conforme já citado, mas, nessa seção, ganham espaço e força.

Nênia ao Delta do Rio Parnaíba: santuário manchado de óleo, p. 47, mostra como a natureza tem sido agredida nos últimos tempos. Isto porque se “Minha casa está/ invadida ocupada / apossada” e tudo é negrume: “paraíso”, “céu”, “mar”, “praia” e “rio”, isto para ficar com essas palavras, é visível o trabalho poético com o campo semântico.

Em metáforas diversas, como “minha cidade é uma claridade, / (...) / minha cidade é um sino / (...) / minha cidade é um hino”, é bem evidente a importância da cidade natal para o eu lírico, que se desencanta com as manchas no rio Parnaíba e no mar do Piauí. Mais uma vez, os paralelismos reforçam as consequências do derramamento de óleo na natureza, pois há “mancha de óleo negro / (...) mancha de piche escuro / (...) mancha da ganância (...)”, entre outras.

Quase ao final desse texto, uma invocação ao estilo de Castro Alves lembra um pouco “Navio negreiro”, através da apóstrofe: “Oh Deus Oh Deus Oh Deus / Oh Deus dos pescadores/ (...) Oh Deus dos ecologistas / (...)” em um brado de dor, na busca da conscientização social.

O tempo presente citado por Carlos Drummond de Andrade em *Mãos dadas*

está em *Coronavírus*, poema no qual Diego Mendes Sousa imprime um eu lírico de quem sentiu na pele o peso de ser vítima da pandemia provocada pelo vírus, pois o que perseguia as pessoas era “(...) um vírus maligno, desumano. / Sua única identidade / é reescrever / a história da humanidade.”, p. 58.

Em *Isolamento*, p. 61, “só morrerei / na noite / em que estacado, / o meu coração / desistir de mim”, porque “quem poderá/ unir a alma / aos sussurros inaudíveis / do tempo?”, p. 64.

A terceira parte do livro é “Alba da alma dispersa”. Nela, há destaque para o belo *Nênia* para um avejão carioca, p.73, texto que homenageia postumamente Stella Leonardos, grande dama da literatura nacional falecida em 2019.

Em “voar alto, voar para longe / voar fora do tempo”, tais versos imprimem que a obra de Stella foi além da própria vida. Diego a leu intensamente e fechou o poema autoral, com a construção de versos singulares, nos quais os livros da autora foram citados, tais como “Dias pássaros”, “Geolírica”, “Rapsódias e Cancioneiros”, “Passos na Areia” e “Amanhecência”.

Cinza, p. 77, também possui destaque em homenagem a Jorge Tufic, outro grande vulto da literatura brasileira. Poeta do Acre, amazônida. E assim ficou que “a saudade é / um murmurar melancólico”, porque “A vida ainda é dor, / onde deuses abrigam / lágrimas e lembranças.”

Destaques também merecem outros poemas: *Rosas da terra incógnita*, p. 72, *A terra e o ser*, p. 80 e *Transitório*, p. 81.

A parte final do livro é “Salmos à gleba das carnaúbas”. Nela, *Malúrico*, p. 87, desponta como uma ode ao mar, a partir da criação vocabular composta por mar + telúrico. Rico de aliterações “O mar demarca a minha origem, / retroterra, retrotempo, retrovida”, entre outras, é como se a personagem do poema imprimisse as ondas para o leitor.

“Onde estão os sonhos? / E os assombros da dor? / E os arranhões da alma?”, p. 92, em *Sonata nos rasgos da praia*.

E é dos sonhos que a literatura de Diego Mendes Sousa se abastece, para nosso jubilo.

A TRAJETÓRIA BEM SUCEDIDA

João Carlos Taveira

Desde *Safra Quebrada*, antologia pessoal de 2007, passando por *Vagem de Vidro*, *Descolagem* e *Desmanche I*, de 2013, 2016 e 2018, respectivamente, até chegar a *Cascos e Caminhos*, de 2020 (o mais ambicioso dos livros de poesia de Salomão Sousa), muita água passou debaixo da ponte. Nesse interregno, o autor de *Ruínas ao Sol* também publicou livros de resenhas e artigos, a saber: *Momento Crítico*, textos, crônicas e aforismos, Brasília: Thesaurus Editora/Fundo de Apoio à Cultura, 2008, *Poética e Andorinhas*, 2018, e *Bifurcações*, 2022, ambas Brasília: Gráfica Serafim, edição do autor.

Com exceção de *Safra Quebrada*, que engloba dez livros de poemas publicados entre 1979 e 2007, os outros três são de poesia inédita e algumas propostas autorais. Até *Vagem de Vidro*, por exemplo, Salomão raramente, mas muito raramente mesmo, dava título aos seus poemas, que seguiam curso dentro do volume impresso como um rio caudaloso arrastando tudo que encontrava pela frente. Mas, a partir de 2018, em *Desmanche I*, já intitulava os poemas e procurava uma diagramação mais arejada, o que certamente trouxe outra visão sobre sua poesia.

O livro de 2020, *Cascos e Caminhos*, é um caso totalmente à parte, pois insiste na procura de um caminho novo, já que seu autor não considera laudatório o discurso fragmentado que apresenta, partindo da ausência de pontuação e principalmente na construção de estrofes irregu-

lares e versos um tanto escatológicos. Por outro lado, não esconde sua nítida preocupação ideológica, em relação ao momento político vivido no País. E traz também um pormenor que, às vezes, deixa incomodado o leitor, porque os títulos das peças têm no início praticamente a mesma palavra-chave: biografia... — com as raras exceções que só vão aparecer no fim do volume —; e isso recrudescer ainda mais o nosso espanto e cria uma atmosfera paradoxal em decorrência do que é descrito em versos livres, sem rima e sem nenhum tipo de preocupação formal.

Aliás, o poeta é literalmente contrário ao que se denomina “camisa de força” e a qualquer fundamento técnico na construção de sua poética. Filosoficamente falando, ele nunca escondeu o fato de estar sempre à procura de um seguimento diverso de quaisquer práticas e disciplinas caracterizadas pela austeridade e pelo autocontrole, postura que, para muitos escritores, acompanha e fortalece a especulação teórica em busca da verdade literária.

Proveniente de uma poesia de caráter telúrico, com passagem pela geração mimeógrafo ou, como querem alguns, geração marginal, Salomão Sousa muito cedo acabou por afastar-se daquele grupo e criar um estilo que melhor se adequasse às suas pretensões literárias. Optou pelo verso branco, sem rima e sem conexão sintática. Intento que foi alcançado com méritos artesanais bem-sucedidos. Sua poesia, hoje, não tem seguidores nem mesmo parceiros de escola; deliberadamente avessa ao academicismo, cons-

trói-se com aquela originalidade característica dos espíritos rebeldes e questionadores, sempre bafejados pelos ventos do inconformismo.

Entretanto, pode-se afirmar, sem receio de equívoco, que a poesia de Salomão Sousa, nesses mais de 40 anos de publicação, tem conquistado leitores pelo País afora, da mesma forma que o faz fora dele, a exemplo de suas idas ao Peru, Chile e Equador, com participação em uma antologia na Argentina e outra na Espanha. Também tem admiradores na Cidade do México. Ali participou de encontros com escritores locais e estrangeiros, leu poesia, trocou livros e fez visitas de grande proveito, numa de suas últimas viagens literárias antes da pandemia da coronavírus.

O fato é que inspiração não lhe falta. Pela diversidade de temas propostos nos livros supracitados, dá para perceber sem nenhum esforço que se trata da visão minuciosa de um observador atento, em busca de sua aspiração maior, que é firmar-se cada vez mais como poeta moderno e libertário, filiação herdada talvez de um José Godoy Garcia, de um Thiago de Mello.

Salomão Sousa, por outro lado, se mostra seguro e resolutivo diante das dificuldades de seu ofício. Mas sabe que o caminho escolhido foi o mais acertado, porque representa a aura absoluta que dá vida e contorno à sua personalidade artística. Por isso, aceita o desafio com humildade e, sobretudo, com a cabeça erguida e os olhos abertos. Que as musas do parnaso, desprevenidas, o aguardem!

NAPOLEÃO

Tadeu Alencar

Conheci Napoleão Tavares Neves em Barbalha. Já o sabia médico e cronista de rádio na cidade dos canaviais, onde vivi momentos memoráveis, em meio à bagaceira dos engenhos. Tempos depois, passei a frequentar a casa de Dr. Rosendo Miranda Tavares, meu futuro sogro, tio de Napoleão, onde tive o privilégio de tornar-me seu amigo. Humanista, erudito, historiador, escritor, especialista em coronelismo, cangaço, religiosidade popular, cultura nordestina.

Na fazenda Caboclo ou nas espreguiçadeiras da sua varanda, frequentadas por gente simples do povo e pelos homens de letras, folgava, fascinado, em vê-lo discorrer sobre Lampião, sobre os coronéis do sertão no “Império do Bacamarte”, o Caldeirão, o Padre Cícero, Floro, Ibiapina, Pe. Rolim, o Cardeal Arcoverde, Patativa, Padre Mororó. Revelou-me coisas que não aprendi na escola, como a República ter sido pro-

clamada no Crato, em 3.5.1817, como extensão da Revolução Pernambucana, em que Bárbara de Alencar e seu filho José Martiniano lideraram o levante contra a prepotência imperial.

Permitiu-me descobrir que sou descendente em linha direta de uma irmã de Bárbara, Inácia, a quem chamava de “um Tristão de saias”, numa referência a Tristão, filho de Bárbara, um dos líderes da Confederação do Equador. Missivista incansável e plural, era o maior consumidor de selos dos Correios e Telégrafos de Barbalha. Quando dirigidas a mim, as suas cartas eram motivo de grande alegria, pois robustas, densas, afetuosas, raras. E as respondia, invariavelmente, com emoção. O que me impressionava — onde achava tempo e energia? — é que jamais largou o ofício de médico hipocrático, que o consagraria como um benfeitor amado pelo povo simples da sua querida Barbalha. Em 5.3.22, aos 91 anos, encantou-se.

Seguro de que viveu em plenitude: nas terras infindas da Chapada do Araripe, quando criança, na adolescência folgazã, no Recife onde se fizera médico, sempre destacando as suas azuladas insurgências. Médico, dedicou-se ao Cariri da vida inteira, à família e aos amigos, alimentado dessa seiva mineral que faz os homens jorrarem uma luz permanente.

Doutor honoris causa pela URCA — Universidade Regional do Cariri, Membro do Instituto Cultural do Cariri e Membro Honorário da Academia Cearense de Medicina, foi um farol no meu caminho e no de todos os que o conheceram. Era pequenininho de tamanho, mas era um gigante, de compleição incontestada. A sua saga na terra, mesmo longeva, foi breve, mas a sua energia poderosa espalhou-se pelos campos férteis. Que a sua luz seja perene, como perenes são a história e a memória, que é a flor do seu segredo.